

AUTOAJUDA E ESOTERISMO: UMA SUGESTÃO TIPOLÓGICA

Levi Henrique MERENCIANO¹

Percebemos diferenças e, graças a essa percepção,
o mundo “toma forma” diante de nós, e para nós.
(Greimas, *Semântica Estrutural*, 1973, p. 28)

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de aplicar um estudo discursivo ao plano de conteúdo dos livros de autoajuda e de esoterismo mais vendidos no Brasil atualmente, com vistas a sugerir tipologias discursivas para esses textos. Optamos pela análise de um *corpus* com os três livros mais vendidos, no período de 1991 a 2006, obtidos a partir dos *rankings* “Os mais vendidos”, da revista *Veja*. Os procedimentos analíticos do campo da enunciação e os componentes narrativos e discursivos, propostos pela teoria Semiótica greimasiana, ajudarão a entender as características composicionais desses *best-sellers*, de acordo com a organização discursiva de cada texto examinado.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Tipologia discursiva. Autoajuda e esoterismo.

Introdução

Estudar a organização discursiva de uma totalidade de textos de autoajuda e de esoterismo mais vendidos no Brasil vai além da descrição das estratégias do mercado livreiro, da publicidade massiva das editoras, da publicação de *rankings*

¹ Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Araraquara, Araraquara, S.P, Brasil. levihm@gmail.com

de livros. Antes de tudo, devemos perceber diferenças estruturais, de conteúdo, pois queremos estudar as maneiras pelas quais o objeto livro, enquanto mercadoria seduzível, manipula o seu leitor, e as formas como este, ao notar intuitivamente as marcas do seu mundo no discurso, os rastros deixados pelo enunciador, vai criando uma relação de identidade com esses textos. Ao estudar as formas de manifestação textual da autoajuda e do esoterismo (nos livros ocultistas, nas autobiografias, nos manuais de como se dar bem nos negócios, entre outro conjunto de textos heterogeneamente constituídos), procuramos meios possíveis de verificar linguisticamente a constituição do leitor contemporâneo com a finalidade de sugerir, assim, tipologias discursivas para os textos mais vendidos atualmente no país.

De acordo com Rüdiger, em termos sociológicos, o fenômeno da autoajuda “[...] refere-se ao conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos *recursos interiores* e transformar sua subjetividade (1996, p. 11, grifo nosso). Mesmo que haja, de forma geral, inúmeras dúvidas sobre a qualidade literária do texto de autoajuda e misticismo-esoterismo, de simplesmente ser um manual de como fazer “isso ou “aquilo”, de como empregar corretamente nossos “recursos interiores” inclusive por ser um produto industrializado, de conteúdo cambaleante: ora misticismo, ora esoterismo, ora autobiografia a sua manifestação textual, assim como a literatura culta, possui mecanismos discursivos específicos de construção. A seu respeito, é possível observar a maior ou menor incidência e complexidade dos componentes semióticos, com base no exame dos níveis narrativo e discursivo, propostos pela Semiótica discursiva.

Delimitando o levantamento de livros mais vendidos

A revista *Veja* é a base de dados desta pesquisa. A partir de sua seção de divulgação e comentário de livros, denominada “Os mais vendidos”, pôde-se realizar o levantamento dos livros de autoajuda e de esoterismo mais vendidos no Brasil. As relações de livros, em forma de *ranking*, são publicadas na seção da revista desde 1968, mas o modo de organização das listas sofreu consideráveis alterações. No início, eram publicadas na sua seção literária duas listas de livros da seguinte forma: nacionais e estrangeiros. Na década de 70, sua forma de classificação foi alterada, adotando-se duas listas, “ficção” e “não-ficção”. Foi somente na década de 90 que a *Veja* inseriu mais uma categoria de *ranking*, denominado “autoajuda e esoterismo”. O período escolhido para o levantamento de dados foi de 1991 a

2006. Deste período, foi feita, portanto, uma seleção dos três livros mais vendidos a partir da observação da progressão de todos os livros que constavam das listas de *Veja*.

O critério de recorte do período específico, para elaboração do *corpus*, é baseado em Merenciano (2007). O autor demonstra que a partir da década de 1990 houve uma procura mais acentuada por livros cuja temática foi o misticismo e o esoterismo (surgindo uma tendência mais intimista de leitura) entre os livros de ficção que pesquisou. A partir do levantamento de livros que o autor realizou durante a sua pesquisa (os livros de ficção mais vendidos ano a ano, de 1975 a 1990, constantes dos *rankings* da *Veja*), observou-se que até o início dos anos de 1980 predominou, entre os leitores, a procura por textos de ação-intriga (narrativas de Sidney Sheldon, Frederick Forsyth, Morris West). Exemplifica que, a partir de 1985, mais precisamente com o mais vendido desse ano, *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, e com o mais vendido de 1990, *O alquimista*, de Paulo Coelho, passa a ocorrer uma mudança significativa na organização discursiva dos textos analisados. Além de haver no plano de conteúdo desses dois textos uma preocupação com fatores típicos de ação-intriga (aventuras em lugares exóticos e perigosos, intriga, passionalidade, intrigas coletivas, luta pela sobrevivência), ao lado desses elementos que estruturam o texto passou a haver uma tendência ao desenvolvimento de um conteúdo baseado no tema místico-esotérico, que orientou um tipo de leitura mais carregada de subjetividade, de questionamento à existência, de procura por crenças de cunho ocultista, enfim, maneiras essas de levar o leitor a crer na transcendência e a buscar o autoconhecimento, por exemplo.

Cortina (2006) faz uma constatação interessante. No levantamento proposto pelo autor a partir das listas de livros de dois jornais, observa um interesse acentuado pela autoajuda. Nos anos de 1990, a lista geral de livros, organizada no *corpus* de sua tese, apresenta, entre os 13 livros mais vendidos, nada menos que 11 títulos de autoajuda. O predomínio quase absoluto desse tipo de texto mostra “que o leitor brasileiro desse período realiza um momento de introspecção que o distancia das preocupações com a coletividade (2006, p. 129). Se a literatura de ação-intriga prezava, até o início dos anos 80, pela discussão dos problemas situados no âmbito coletivo, como apontado por Merenciano (2007), a literatura que se desenvolveu nos anos 90 passou a se direcionar menos para a causa social, enfim, para os problemas contextuais da época, com os quais os textos de ação-intriga mantinham diálogo. Voltou-se, então, para discussões que instigam a individualidade do leitor, que passou a buscar, no contato com o texto místico-

esotérico e de autoajuda, um conhecimento específico para a resolução de problemas particulares; são leituras, portanto, de natureza intimista. Aos poucos, na evolução desses textos, dos anos 80 para cá, foi-se desvinculando o diálogo com os fatos contextuais, em que “... predominavam cenas de conflitos armados, sociedades igualitárias, indivíduos com direcionamentos políticos bem definidos (MERENCIANO, 2007, p. 8). Os problemas históricos, ficcionalmente narrados e voltados para o seu contexto de produção (Guerra Fria, Ditaduras, conflitos no leste Europeu), evoluíram, a partir de finais dos anos 80, para um diálogo com o próprio leitor. Em suma, acreditamos que o tipo de literatura mais individual dos anos 80 (menos preocupada com a coletividade) foi, então, evoluindo para a literatura místico-esotérica e de autoajuda dos anos 90. Isso quer dizer que, a partir de 1991, já é possível estabelecer um levantamento de livros mais vendidos que dê conta de explicar o universo da autoajuda e do misticismo-esoterismo, bem como as estratégias que organizam a imanência desses textos.

O método do levantamento pretendido neste artigo teve como base o trabalho de Cortina (2006). Durante a sua pesquisa, ele optou pelo registro do número total de vezes que as obras apareceram nas listas de livros, tendo como base os *rankings* de dois grandes jornais, no período de 1966 a 2004. Cortina (2006, p. 102) defende o método de obtenção de dados por meio da progressão de livros nas listas, sem levar em conta a posição que o livro apareceu no decorrer delas. Isso funciona como uma maneira de verificar como determinado texto foi mais lido por meio de sua recorrência nos *rankings* desses veículos de informação. O método também determina quantitativamente, no decorrer do período compreendido, como variou ou como não variou a procura pelos mais vendidos, fato que exclui uma forma de levantamento dependente de poucas listas². Assim, o autor procura examinar como se alterou ou como se manteve a totalidade desses *rankings*. A partir do registro da progressão de todos os livros levantados por ele, estuda um perfil pretendido do leitor brasileiro da década de 1960 em diante. No que diz respeito ao plano linguístico dos textos por ele selecionados e analisados, Cortina (2006) observa de que forma

² A *Veja* publicou apenas nos anos de 1999, 2000, 2003, 2004, 2005 (de 1991 a 2006) listas com os mais vendidos anualmente (vale lembrar que examinamos listas semanais e não, anuais). Os resultados dessas listas anuais tendem a não coincidir com cômputo das listas semanais. Por isso, o exame quantitativo das listas parece mais confiável. Isso se explica, uma vez que uma das listas anuais de *Veja* (OS MAIS VENDIDOS DO ANO, *Veja*, 15 dez. 1999), a dos mais vendidos de 1999, relacionou entre os mais vendidos desse ano um livro que não constou em nenhuma das listas semanais: *A fantástica história de Sílvio Santos*, de Arlindo Silva.

o autor, projetado no papel como enunciador, instaura a vontade de consumo no enunciatário-leitor. Valemos-nos também desse método para explicar as estratégias persuasivas que o livro, como produto de consumo e como produção discursiva, instaura no leitor no momento em que realiza a sua leitura.

Composição do *corpus*

A elaboração deste *corpus* é fundamentada, portanto, em uma totalidade de textos, os três livros mais vendidos no período de 1991 a 2006, a partir das listas “Autoajuda e esoterismo”, da revista *Veja*. A seleção e a coleta desses dados foram baseadas no número total de vezes que cada obra apareceu nas listas semanais de livros. Assim, as três obras mais recorrentes, independente da posição ocupada em cada lista, foram as campeãs. É necessário ressaltar que a revista não publica “religiosamente” suas relações de livros. Mesmo assim, essa irregularidade não comprometeu a observação da progressão dos livros. Houve anos em que a revista apresentou 51 listas, como em 2005 – visto que um ano tem aproximadamente 52 semanas, nesse caso, houve uma regularidade quase absoluta. Por outro lado, houve um ano, 1997, em que publicou apenas seis listas, sem apresentar, no entanto, os motivos dessa omissão. Assim, o número total de listas por ano foi o seguinte: 1991 = 10; 1992 = 14; 1993 = 13; 1994 = 10; 1995 = 14; 1996 = 23; 1997 = 06; 1998 = 11; 1999 = 18; 2000 = 38; 2001 = 49; 2002 = 48; 2003 = 49; 2004 = 50; 2005 = 51; 2006 = 49.

Percebe-se que, a partir do ano de 2000, o levantamento da revista apresenta uma maior regularidade, cuja variação fica entre 38 e 51 listas anuais. Somadas as listas, portanto, temos um número total de 453. Ao dividir esse total pelos 16 anos de levantamento, temos uma média de aproximadamente 28 listas por ano.

Assim, o resultado para a categoria “Autoajuda e esoterismo”, nas listas consultadas, foi o seguinte:

Título	Autor	Editora	Ocorrências
<i>Quem mexeu no meu queijo</i>	Spencer Johnson	Record	208
<i>A semente da vitória</i>	Nuno Cobra Ribeiro	Senac / S. Paulo	151
<i>A arte da felicidade</i>	Dalai-Lama e Howard Cutler	Martins Fontes	142

O leitor implícito e a enunciação

Cortina (2006, p. 2) aplica uma análise discursiva, de base linguística, aos textos mais vendidos dos anos 60 em diante, com vistas a delinear um perfil de leitor contemporâneo. Nesse caso, o leitor é uma instância linguística, porque é analisado como uma projeção do enunciatário no discurso, que dialoga com o enunciador, a projeção linguística de quem escreve. Formam, desse modo, enunciador e enunciatário, a instância do discurso chamada sujeito da enunciação. O exame das imagens de um leitor que um discurso projeta no momento em que é produzido ajuda a verificar, portanto, como se configura esse leitor, constituído na imanência dos textos mais vendidos.

A enunciação “[...] é a instância linguística logicamente pressuposta pela existência do enunciado (FIORIN, 2004a, p. 118), bem como o ato de pôr a língua em funcionamento por meio de um ato individual de uso. Ocorre a enunciação enunciada quando é projetado no interior do enunciado um “eu/aqui/agora”. Em “Eu digo que a Terra gira em torno do sol”, há um “eu” projetado no interior desse discurso. No enunciado enunciado, ou enunciado propriamente dito, como em “A Terra gira em torno do sol”, também há um “eu” produtor do discurso, mas é implícito, pressuposto pela existência do enunciado, na medida em que sempre há uma instância responsável pelo dizer e sempre alguém a quem esse dizer é dirigido. Dessa maneira, há determinados níveis de projeção de pessoa no discurso, em que a cada “eu” responde um “tu”. Nas palavras de Fiorin

Isso implica que é preciso distinguir duas instâncias: o *eu* pressuposto e o *eu* projetado no interior do enunciado. Teoricamente, essas duas instâncias não se confundem: a do *eu* pressuposto é a do enunciador e a do *eu* projetado no interior do enunciado é a do narrador. Como a cada *eu* corresponde um *tu*, há um *tu* pressuposto, o enunciatário, e um *tu* projetado no interior do enunciado, o narratário. Além disso, o narrador pode dar a palavra a personagens, que falam em discurso direto, instaurando-se então como *eu* e estabelecendo aqueles com quem elas falam como *tu*. Nesse nível temos o interlocutor e o interlocutário. (2004a, p. 119, grifos do autor)

No que se refere à projeção do autor, Fiorin (2002, p. 63) esclarece que, “[...] exatamente por criar, com toda liberdade, uma versão de si mesmo e ainda pelo fato de que não se tem acesso ao sujeito senão por aquilo que ele enuncia [...] que o autor é um autor implícito (p. 63), projetado no discurso, portanto. Para o autor, “dentre as distintas instâncias enunciativas não está a do falante de carne e osso, ontologicamente definido”, por isso o autor e leitor reais pertencem ao mundo natural enquanto o autor e leitor implícitos pertencem ao texto, isto é, são categorias linguísticas. Deve-se imaginar que, a partir do momento em que o autor produz o

texto, ele passa a ser uma instância do discurso, é um ser linguístico, projetado no papel. Assim também o é o leitor, ao atualizar a sua leitura e se embrenhar pelos caminhos do texto, uma vez que à voz do enunciador (a projeção do autor) responde a do enunciatário (a projeção do leitor). Já que há vozes presentes na constituição do discurso, Fiorin abrange essa noção, afirmando que

A eficácia discursiva está diretamente ligada à questão da adesão do enunciatário ao discurso. O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses, mas, sim, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso, ao construir um enunciador, constrói também seu correlato, o enunciatário. (2004b, p. 74)

Como o enunciador vale-se de um tom, de uma voz, enfim, de um *étos* para elaborar sua estratégia discursiva, Fiorin (2004a; 2004b) observa como se constrói a imagem do enunciador e a adesão do enunciatário, no interior das estratégias discursivas de dois grandes jornais do estado de São Paulo. O autor apoia-se na retórica grega para explicar a acepção do termo *étos*, que é entendido como um caráter que leva à persuasão, caso o discurso do orador inspire confiança no auditório:

Quando um professor diz *eu sou muito competente*, está explicitando uma imagem sua no enunciado. Isso não serve de prova, não leva à construção do *étos*. O caráter de pessoa competente constrói-se na maneira como organiza as aulas, como discorre sobre os temas, etc. À medida que ele vai falando sobre a matéria, vai dizendo *sou competente*. [...] Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado. [...] O *étos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito. (FIORIN, 2004a, p. 120, grifos do autor)

No presente caso, o enunciador tem em mente que o seu enunciatário é um consumidor de literatura popular. Assim, o conjunto dos leitores-alvo, o público-leitor, enfim, o enunciatário a quem a literatura esotérica e de autoajuda se dirige é um co-enunciador, na medida em que demanda as escolhas (as estratégias persuasivas) do enunciador.

Tipologias discursivas de acordo com os componentes dos níveis narrativo e discursivo

Lembra Fiorin (1990) que as diferentes culturas sempre estiveram preocupadas em estabelecer tipologias discursivas. Essa questão comporta duas

ordens, segundo o autor: a dos critérios de classificação dos discursos e dos gêneros. Desse modo, é necessário fazer uma primeira tentativa de exclusão metodológica, na medida em que o gênero, para Fiorin, inspirado pelo texto de Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 170-171), não passa de uma “abstração generalizante (FIORIN, 1990, p. 97). Ambos defendem que os textos são objetos empíricos constituídos a partir de características discursivas, oriundas de diversos gêneros. Um texto religioso pode conter traços de um discurso político; um texto científico pode ter um tom didático. Valendo-se do dizer de Roman Jakobson, Fiorin (1990) explica que certas classificações de gênero podem ser imprecisas. Jakobson afirmava que o gênero lírico é baseado na primeira pessoa, enquanto o épico, na terceira. Atesta Fiorin (1990) que essa oposição não é suficiente para caracterizar tais gêneros, “[...] pois um depoimento policial também pode centrar-se na primeira pessoa e não pertence ao gênero lírico (p. 97). Em suma:

A constelação tipológica que constitui o gênero é social. Varia, portanto, de época para época. O que numa época era considerado discurso científico pode não ser mais classificado assim [...] Os gêneros são arranjos que dependem de fatores sociais, ou seja, dos efeitos de sentido valorizados num certo domínio por uma dada formação social. (FIORIN, 1990, p. 97)

Acreditamos, pois, que alguns aspectos inerentes aos níveis narrativo e discursivo, do percurso gerativo de sentido, explicados pela teoria Semiótica, podem classificar tipologicamente os diferentes tipos de discurso, pois

Ao conceber a geração do sentido como um percurso que vai do mais simples ao mais concreto e complexo, as teorias do discurso dão uma nova dimensão ao problema da classificação dos discursos, uma vez que se podem classificá-los com base em elementos estruturais situados nos diferentes níveis do percurso, o que torna os critérios de classificação mais refinados e, portanto, mais abrangentes.³

Uma forma de propor tipologias pertinentes dos discursos seria estudar a constituição dos níveis narrativo e discursivo dos três livros selecionados, que entendemos como preferidos e como os mais lidos pelo leitor nacional contemporâneo. Fiorin indica, assim, uma das formas de estabelecer uma tipologia dos discursos, qual seja, observar as fases da narrativa que os textos privilegiam, a saber, de manipulação, competência, performance e sanção, inseridas nos programas narrativos específicos de cada texto.

³ Ibid., p. 92.

Um programa narrativo de base (PN de base) descreve a situação inicial e a final de uma narrativa, assim como a transformação ocorrida. É chamado PN de base, pois ele dá o fundamento da busca do sujeito e compreende toda a sua busca na íntegra. Descreve como os sujeitos narrativos, um executivo estressado, por exemplo (pensando num personagem que prefere a natureza à civilização), vai ser modalizado a “fazer (transformar sua condição atual) por meio de um “querer e um “dever”, sendo, assim, levado a adquirir meios para “saber e “poder ter uma vida calma, pois esta representa o objeto final de sua busca, é, pois, o seu PN de base. Para escapar da vida agitada, realiza vários programas narrativos de uso (PNs de uso). Estes se resumem nos meios (o saber e o poder-fazer) necessários para sair do estado de estresse em que se encontra. Necessita, portanto, negociar essa busca de sentido em sua vida por meio de vários programas narrativos: estar preparado psicologicamente para o fato; abandonar o emprego; convencer a esposa e os filhos a se mudar; ter respaldo da família e dos amigos; ter ciência do recomeço em um lugar desconhecido.

No que diz respeito à manipulação, primeiramente, é necessário que um outro sujeito (S2), o destinador-manipulador, estabeleça um contrato com o sujeito estressado (S1), no papel de destinatário-sujeito, a fim de este estar modalizado por um “querer e um “dever sair da cidade”. De acordo com a fase da manipulação, portanto, o S1 pode ser seduzido ou intimidado a fazer a mudança. O “querer e o “dever-mudar-se” podem surgir da necessidade de sair do local. Nesse caso, é convencido por si mesmo ou intimidado por outrem a sair da cidade (porque tem algo a perder: ficar doente, por exemplo), ou a partir da sedução de morar em um lugar quase paradisíaco, em que só teria a ganhar. Nesta fase, a da manipulação, atua o destinador-manipulador, o S2 (a sociedade, outra pessoa, ou ele próprio), em que a sua função é manipular o S1, o sujeito estressado, a querer e a dever-fazer a mudança.

A fase da competência explicita os meios necessários para o sujeito sair de lá. Se ele “pode-mudar-se”, ou seja, se tem recursos materiais (dinheiro) e apoio suficiente para o ato, então ele também terá o “saber-mudar-se”. Há histórias em que o sujeito, um marinheiro, por exemplo, tem o “saber-navegar”, pois domina rotas e técnicas de navegação, mas necessita de um financiamento em dinheiro ou em espécie (barco, tripulantes, equipamentos de navegação) para realizar o “poder-navegar”. Nesta fase, atuam o marinheiro, bem como o executivo estressado da outra história, pois desempenham o papel de destinatário-sujeito, a fim de realizar a performance a transformação narrativa a partir do seu saber e poder-fazer.

Na performance, são postos em prática o “saber e o “poder-fazer a mudança , pois, já é capaz de transformar o seu estado atual, por meio do seu fazer, para o estado final da narrativa, em que é levado a obter ou não o seu objeto de valor, que pode ser realização pessoal, ou objetos descritivos: carro, casa, sexo, etc. Podem atuar nesta fase tanto o destinador como o destinatário. O executivo estressado pode dividir as tarefas, relativas ao seu fazer, com o seu destinador-manipulador, por exemplo. No caso do marinheiro, ele pode compartilhar a aventura dos mares com o financiador da sua expedição.

Na fase da sanção, o destinador-manipulador, que havia instaurado o querer, o dever, o saber e o poder, agora, num papel diferente, de destinador-julgador, deverá julgar o fazer do destinatário, negativa ou positivamente. Se o contrato de manipulação foi feito, por exemplo, com outra pessoa (um parente lhe financiou a mudança), este julgará o seu ato de mudar de vida e deixará claro se aprovou ou não o feito; se for necessária uma aprovação social (o destinador-manipulador enquanto totalidade de pessoas que lhe estimularam a realizar a mudança), o sujeito coletivo “sociedade julgará o seu feito positiva ou negativamente.

Uma primeira tentativa de tipologia discursiva pode ser sugerida, então, de acordo com as fases da narrativa que os textos privilegiam e de acordo com a maior ou menor atuação dos actantes funcionais descritos, o “destinador-manipulador , o “destinatário-sujeito e “destinador-julgador .

Um manual técnico ou uma receita, por exemplo, privilegiam a fase da competência, assim como o saber a eles inerente, em que atua o destinador-manipulador. O discurso de jornais sensacionalistas privilegia a fase da performance, bem como a atuação do destinador e do destinatário como responsáveis pelos atos de *frisson*. Ao enfatizar a performance e descrever os detalhes de como agiu o assassino, a manipulação também interessa a esse tipo de discurso, pois a atenção recai sobre as intenções da morte (o dever e o querer-fazer), como no caso de um crime passional, por exemplo. Enquanto os romances policiais tendem a privilegiar a fase da sanção e, por sua vez, a atuação do destinador-julgador, uma vez que a atenção recai sobre o julgamento do vilão e sobre o desvendamento dos crimes, em que pode haver o predomínio de recompensas aos mocinhos ou de castigos para os mauzinhos. Nesse caso, estão implícitas e podem ser reveladas, na fase da sanção, uma série de performances (crimes, segredos, negócios escusos, intrigas), não relatadas no enunciado, que apenas serão explicitadas ao leitor ou aos outros personagens da história nas últimas linhas do texto, na ocasião do julgamento (FIORIN, 1990).

Os discursos programadores, os quais Fiorin (1990, p. 93) denomina “tecnológicos (receitas de cozinha, plantas de engenheiro, bulas de remédio), semelhantes a manuais de instalação e a receitas, transmitem ao destinatário, o sujeito operador, um saber-fazer. Enfatizam, com isso, a fase da competência, pois para ter o efeito desejado é necessário que o seu destinatário, o leitor, cumpra as tarefas determinadas pelo manual. A autoajuda no âmbito da qual são incorporadas noções místico-esotéricas (magia, transcendência, alquimia) tem um estatuto semelhante aos discursos programadores, pois tende a privilegiar a fase da competência. Nesse caso, o foco recai na doação de determinado objeto, de natureza cognitiva (um conhecimento específico), muitas vezes de finalidade prática, feita por um destinador cheio de certezas, a um destinatário carente, que é programado a obedecer às instruções e realizar um programa narrativo de construção, do tipo: “desenvolva um pensamento e obtenha isso”, “reze por tal anjo e obtenha aquilo”.

Na semântica narrativa, a análise dos textos pode recair sobre dois critérios: a busca de valores descritivos ou de objetos modais. O primeiro refere-se à busca por valores consumíveis, tesauríveis (a procura das minas de ouro, nos filmes de faroeste), por isso, valores concretos, de natureza objetiva. No segundo, buscam-se estados de alma (satisfação, realização). O dinheiro pode significar uma realização de bem-estar, por isso, tem uma carga subjetiva. Na autoajuda, o leitor cumpre o papel de destinatário que buscará objetos modais, as modalidades do saber e do poder-ser algo, sendo que o importante geralmente não é o dinheiro, por exemplo, e sim, o bem-estar físico-mental.

De acordo com a sintaxe discursiva, o procedimento de debreagem actancial enunciativa, proposto pela Semiótica, equivale à projeção no discurso em primeira pessoa e a debreagem actancial enunciativa equivale ao discurso em terceira pessoa. Os procedimentos de projeção enunciativos dão um aspecto mais subjetivo ao texto, enquanto os procedimentos enunciativos dão um aspecto mais objetivo. Quando se vale de debreagem enunciativa, o enunciador está presente no texto, por meio de marcas explícitas, como no texto confessional, autobiográfico e de autoajuda. Quando o texto se vale da debreagem enunciativa, a projeção em terceira pessoa cria um efeito de sentido de objetividade, típicos do discurso científico, em que “o enunciador se apaga atrás dos fatos (FIORIN, 1990, p. 96). O enunciatário também pode estar explicitado quando o enunciador utilizar os pronomes “tu” ou “nós” (de função inclusiva) ou as formas de imperativo (“faça”, “não esqueça”), marcas bem características dos textos de autoajuda e dos textos didáticos. Na literatura de autoajuda é formulada, por exemplo, a imagem de um enunciatário (a

imagem do leitor) carente que precisa sempre de um “você” ou de um verbo no modo imperativo para chamar-lhe a atenção, causando um efeito de aproximação na medida em que o enunciador (a imagem do autor) deixa clara a importância de se apresentar o mais explicitamente possível, cheio de certezas, guiando seu leitor e cedendo dicas de como fazer isso ou aquilo, de um modo ou de outro.

Por fim, um exame da semântica discursiva “analisa os revestimentos mais abstratos, os temas, ou mais concretos, as figuras, que recobrem as estruturas narrativas (FIORIN, 1990, p. 95. Barros (2004) explica os níveis de profundidade envolvidos na constituição dos temas e das figuras de acordo com a semântica discursiva. Nesse caso, a autora indica a importância de se estudar o encadeamento e a expansão dos temas e das figuras do texto, que podem ser predominantemente figurativos ou predominantemente temáticos. Para Barros (2004, p. 12), os “temas conteúdos semânticos tratados de forma abstrata e as figuras o investimento semântico-sensorial dos temas constituem a semântica discursiva e asseguram a coerência semântica, temática e figurativa do discurso. De forma geral, os temas são unidades de conteúdo que servem para qualificar ideias, ou seja, classificam e ordenam o mundo natural, enquanto as figuras servem para qualificar ações. Um pequeno texto temático, como “O fumo mata”, pode receber um investimento figurativo, sendo parafraseado por meio de uma história do tipo: “Pedro tinha o hábito de fumar desde os dezoito anos. Aos cinquenta, contraiu enfisema pulmonar e faleceu, meses depois, no hospital de sua cidade”. No caso do tema, há o predomínio de uma ideia, a de que o fumo pode matar. Na figurativização, ocorre a mesma ideia, mas o termo abstrato “fumo” recebe um investimento mais concreto, de ordem actorial, a partir da ação de alguém, Pedro, que fuma há muito tempo (“desde os dezoito” é um investimento de ordem temporal). A moral da história é investida sensorialmente pela imagem de alguém que tinha o hábito de fumar e morreu por causa disso. Não se quer dizer que o termo “fumo” seja abstrato com relação à realidade, porque abstrato e concreto são entendidos como categorias linguísticas, e não do mundo real. Em síntese, o que é do plano abstrato pode ser remetido aos temas, porque qualificam ideias, e o que é do plano concreto remete às figuras, porque revestem de sentido as ações. Uma fábula é, portanto, uma constituição figurativa do que se quer dizer (por isso, seu modo de organização é narrativo), enquanto a moral da história comporta uma constituição temática (um modo de organização dissertativo).

As ilustrações de capa dos mais vendidos

Da forma como são apresentadas ao leitor, as ilustrações de capa já dão um gostinho do conteúdo que será apresentado. Na verdade, apesar de o *corpus* ser relativamente pequeno, os três mais vendidos valem-se de três formas diferentes de apresentação de seu conteúdo, por meio das capas ilustradas:

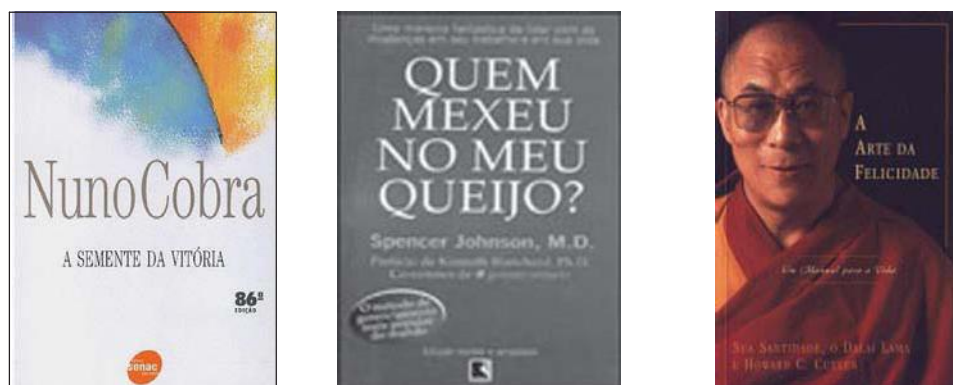


Figura 1: Ilustrações de capa dos três livros de autoajuda e esoterismo mais vendidos, de 1991 a 2006.

Quem mexeu no meu queijo?, de Spencer Johnson (2002), foca a apresentação do livro nas letras garrafais do título e no contraste do verde, do nome do autor, com o branco do título. Logo abaixo deste, está localizado o nome do autor e a sua qualificação de diretor de empresa, “M.D. . Como estratégia de persuasão, a abreviação de *Managing Director* revela um *éthos* de um diretor administrativo com determinada experiência comprovada em administração e relações humanas. Abaixo do seu nome, está o nome de quem prefaciou o livro, seguido também de uma qualificação, Ph.D (*Philosophiae Doctor* ou *Doctor of Philosophy*), como meio de destacar a habilidade teórica da pessoa que prefaciou a obra. Ao mesmo tempo em que procura a adesão de leitor de textos simples (a quem o título acadêmico-institucional impressiona), que valoriza letras garrafais e um título figurativo e emblemático (o que desperta a curiosidade por meio da pergunta do título), dialoga com o típico trabalhador de relações humanas, que precisa de mais flexibilidade para lidar com os problemas do trabalho, a partir de um discurso que vai “direto ao assunto . Logo acima do título, há uma prévia do conteúdo que confirma isso: “Uma maneira fantástica de lidar com as mudanças em seu trabalho e em sua vida .

O texto de Nuno Cobra Ribeiro, *A semente da vitória* (2000), traz, também em letras garrafais, o nome do autor, Nuno Cobra. Isso não é mera coincidência, uma vez que vai projetar, no decorrer do seu livro, um discurso cheio de certezas, porque constantemente fará menção à importância do seu método. Na realidade, o título do livro se parece mais com um subtítulo, porque o nome do autor destaca tanto o seu método quanto o seu nome. A letra grande e a metáfora de otimismo do título impressionam o leitor. Este adere ao discurso pela letra de tamanho quase hipnótico, da capa, e pela mensagem metafórica de otimismo, “a semente da vitória” .

Estratégia um pouco diferente faz parte da ilustração de *A arte da felicidade*, do Dalai-Lama e de Howard Cutler (2002). Baseado na ilustração um tanto exótica do líder espiritual do Tibet, a ilustração procura aderir a um leitor religioso, pelo atrativo da figura serena e pacífica da ilustração. Mais temático que os dois títulos anteriores (“arte” e “felicidade” são termos linguísticos abstratos), o título faz um diálogo com a imagem paternal da figura da “Sua Santidade, o Dalai-Lama” . Nesse caso, o livro adota um direcionamento místico. O pronome de tratamento em “Sua Santidade, o Dalai-Lama” evoca, na cultura ocidental, a imagem da autoridade máxima da igreja católica, o Papa. Em suma, a ilustração de capa revela uma solidariedade (em termos semióticos, uma homologação) da semiótica visual (o rosto calmo, paternal, de sorriso moderado, feliz) com a semiótica verbal (“a arte da felicidade”). Nesse caso, há uma intenção inicial de apelar para o sentido visual por meio da figura de um líder espiritual do Oriente, que traz uma felicidade tão moderada quanto o seu sorriso.

As intenções estilísticas das ilustrações, aparentemente, constroem-se de acordo com um *éthos* que busca a adesão de um leitor genérico (jovem, adulto, idoso, rico, pobre), que lê textos de temática heterogênea, que abordem, portanto, a conjunção da autoajuda com o misticismo-esoterismo. Esse leitor enunciatário deve ser guiado, assim, por fontes grandes, ilustrações atrativas e referências acadêmico-institucionais (M.D e Ph. D), por exemplo. A construção interrogativa do título de *Quem mexeu no meu queijo?* sugere uma resposta à pergunta-título, pede pela leitura e desperta a curiosidade, a sua maneira, ocupando o máximo possível do espaço da capa, com diversas informações: sobre autor, prefaciador, livro. *A semente da vitória* e *A arte da felicidade*, a partir de unidades sintagmáticas de mensagem positiva, despertam o interesse de acordo com a sugestão do conteúdo de vitória e felicidade que proferem na apresentação de capa.

Breve resumo e estrutura dos textos mais vendidos

Quem mexeu no meu queijo?, de Johnson (2002), tem uma estrutura simples e encadernação com poucas páginas, apenas cento e sete. A edição da Record traz letras grandes, com poucos parágrafos por página e com ilustrações recorrentes de queijos com inscrições de motivação no interior desses desenhos, do tipo: “As Velhas Crenças Não o Levam ao Novo Queijo (JOHNSON, 2002, p. 67). Logo após o sumário e antes do prefácio, há uma explicação sobre o conteúdo do livro. Diz que os quatro personagens da história, dois ratos (Sniff e Scurry) e dois homenzinhos (Hem e Haw), revelam as partes de todos nós, as simples e as complexas⁴. Por meio de uma narrativa do tipo fabular, o narrador, Nathan, conta aos amigos uma pequena história de motivação sobre a busca de um queijo, com o objetivo de explicar que todos devem se adaptar às mudanças que ocorrem na vida, e no trabalho, sobretudo. A história se passa no espaço de um labirinto, em que o objetivo das personagens é encontrar postos de queijo em determinados pontos, administrar esses postos e anotar mensagens de encorajamento nas paredes do labirinto. Os quatro personagens têm características distintas. Os homenzinhos são mais racionais e os ratinhos, mais instintivos. Enquanto, ao primeiro sinal de queijo, os ratinhos agem farejando por mais, os homenzinhos, por sua vez, tendem a ficar pensando se compensa sair da situação em que se encontram, uma vez que um deles é mais preguiçoso e outro, mais trabalhador e organizado. A moral da história é simples. A busca do queijo simboliza a busca pela mudança, seja na família, seja no trabalho, por isso é dedicada a quem enfrenta dificuldades nesses setores e precisa, desse modo, encarar o medo do novo como uma chance de alcançar novas oportunidades. Em síntese, traz a mensagem de que mudar não faz mal: “Sair do Lugar Assim como o Queijo e Gostar Disso! .⁵

A semente da vitória, de Ribeiro (2000), é, por outro lado, um livro de longo fôlego, cujas letras são grafadas em fonte pequena. Possui um modo de organização narrativa no início, quando o autor narra seu passado, e em seguida, dissertativo, quando expõe seu método ao enunciário-leitor. No início, faz uma autobiografia, narrando nostalgicamente sua vida de luta e conquistas numa cidade do interior de São Paulo. Torna-se professor de educação física e aos poucos desenvolve seu método de “[...] chegar ao cérebro pelo músculo e ao espírito pelo corpo (RIBEIRO, 2000, p. 21). Depois da apresentação da sua vida, passa a tecer, em forma de

⁴ Ibid., p. 10.

⁵ Ibid., p. 79.

capítulos, fórmulas de como ter boa saúde física, espiritual e mental. Em síntese, à maneira de um guia de saúde, traz a proposta de um manual completo de preparação física, até dicas de dieta e de motivação pessoal, prezando, em diversos momentos, pelo uso de jargão da área médica. No final do livro, apresenta relatos de personalidades do esporte (Ayrton Senna, Christian Fittipaldi, entre outros), de profissionais de sucesso e de pessoas comuns, que comprovam a eficácia do seu “Método Nuno Cobra” .

A arte da felicidade, de Dalai-Lama e Cutler (2002), também conta com uma estrutura mais complexa, mais páginas (acima de 300), letras pequenas, muitos parágrafos por página, linhas com pouco espaçamento. Enquanto narrador, o doutor Howard Cutler, busca apresentar à cultura do Ocidente a filosofia do líder espiritual do Tibet, Dalai-Lama, evocando as palavras do mestre budista, uma vez que este é co-autor do livro. No plano narrativo, Cutler relata seus primeiros encontros com Dalai-Lama, quando ainda, em virtude de uma bolsa de pesquisa, foi até Dhamramsala, na Índia, e começou a estudar a medicina tradicional tibetana. Foi apresentado a Dalai-Lama pelos familiares do mestre oriental. Relata suas primeiras conversas com a Sua Santidade em 1982, com a ajuda do amigo e intérprete, Thupten Jinpa. A partir dos encontros com o mestre budista e de palestras ministradas por este, nos Estados Unidos, explica como alcançar a felicidade de acordo com a crença de Dalai-Lama. Revela os problemas da cultura ocidental e os contrasta com a cultura oriental a fim de explicar que aquela cultura valoriza o ceticismo, a vida agitada, o dinheiro, a extroversão, enquanto o Oriente traz respostas espirituais para uma vida calma, reflexiva, de simplicidade e introspecção. Utiliza exemplos de pessoas que passaram por dificuldades para ilustrar a eficácia do método, assim como os livros anteriores.

Descrição dos níveis narrativo e discursivo: sugestões tipológicas

Enquanto um texto que procura transmitir ao seu leitor uma moral a partir de uma narrativa principal (uma fábula), *Quem mexeu no meu queijo* (JOHNSON, 2002) possui duas facetas que se complementam: há uma que enfatiza o *percurso do destinatário-sujeito* (os ouvintes da fábula, a quem a história é dedicada) e o do *destinador-julgador*, que deve julgar a ação de dois ratinhos e dois homenzinhos no labirinto, bem como a sua *performance* e *sanção* nesse local; a outra faceta privilegia a *competência*, em que o *destinador-manipulador*, Nathan, doa, aos amigos que ouvem a fábula, um saber e um poder aceitar a mudança.

A história fabular destaca a fase da performance, em que os sujeitos, no labirinto, seguem os diversos PNs de uso (sair do lugar, procurar queijo, armazenar o produto, correr atrás de mais queijo, administrar a comida), a fim de aceitar a mudança e saber empreender o seu prêmio. Mostra, assim, de forma figurativa (pelo fazer dos ratinhos e dos homenzinhos), o “como fazer para encarar a mudança. A fase da sanção também é importante na fábula, pois compreende o percurso do destinador-julgador, os ouvintes da história, amigos de Nathan, que julgarão a fábula. O julgamento incumbe, assim, de punir os preguiçosos e bonificar os trabalhadores, a fim de revelar a moral da história. A fábula da busca por queijo é uma maneira de representar figurativamente a aceitação da mudança. Além disso, a própria fábula é o meio pelo qual os amigos de Nathan poderão estar em conjunção com o *objeto-modal* fábula e se tornarem competentes (saber e poder), a fim de “aceitar a mudança”. Estes, assim como o leitor, devem se identificar com um dos quatro personagens

Eu sou um pouco como Hem admitiu Angela, então para mim a parte mais poderosa da história foi quando Haw riu do seu medo e continuou a construir uma imagem em sua mente, onde se via aproveitando o “Novo Queijo”. Isso o fez caminhar para dentro do labirinto de maneira menos receosa e mais alegremente. E eventualmente conseguia um negócio melhor. É o que eu gostaria de fazer mais frequentemente. (JOHNSON, 2002, p. 92)

No que diz respeito à sintaxe discursiva, *enunciador e enunciatário estão implícitos*, porque não há um enunciador que se dirige, no decorrer da história, ao enunciatário diretamente, por meio de um verbo no imperativo ou de um pronome (“tu”, “nós”), mas a projeção, no enunciado, do narrador Nathan, que confia a fábula aos amigos. Apenas o prefaciador, Kenneth Blanchard, deixa explicitado o leitor: “Espero que goste do que vai descobrir e desejo-lhe boa sorte”.⁶ Para os amigos do narrador, a moral da história, exemplificada pelo fazer dos ratinhos e dos homenzinhos, é um objeto valorizado positivamente e que almejam para mudar sua vida para melhor: “Posso ver agora que, em vez de ser Sniff e Scurry, nós éramos como Hem. Ficamos onde estávamos e não modificamos. Tentamos ignorar o que estava acontecendo e agora estamos com problemas”.⁷

A semântica discursiva verifica se o texto é predominantemente temático ou figurativo. Há, nesse caso, uma *incidência predominante de figuras*, porque o

⁶ Ibid., p. 16.

⁷ Ibid., p. 84.

texto se vale de uma fábula para explicar conceitos, como “mudança”, “trabalho em equipe”, “força de vontade”, por meio da ação dos sujeitos (homenzinhos e ratinhos), que a todo momento procuram postos de queijo no labirinto, aceitando, desse modo, que sair do lugar pode levar a melhores caminhos:

Enquanto Haw ainda tinha um grande estoque de Queijo, frequentemente ia para o labirinto e explorava novas áreas para estar ciente do que estava acontecendo ao seu redor. Ele sabia que era mais seguro ter consciência de suas verdadeiras escolhas do que se isolar numa zona de conforto. (JOHNSON, 2002, p. 78-79)

O livro dialoga, assim, com o leitor administrador, executivo, da área de relações humanas. O enunciador sabe que o enunciatário lida constantemente com a mudança e com os problemas ocasionados por não aceitá-la ou não entendê-la. Por isso, o enunciatário deve saber e poder ser flexível, deve entender que correr atrás do “queijo” (dinheiro, negócios, família) e enfrentar o labirinto da vida (os imprevistos) pode levar a um lugar melhor na família ou empresa.

De forma geral, é um texto de organização heterogênea, porque, além de ser composto por uma fábula dos seres no labirinto (narrativa), dá, após o final da história, a palavra a profissionais (geralmente executivos), que comentam a eficácia da história em sua vida de empreendedores:

Assim que eu acabei de ler *Quem mexeu no meu queijo?* encomendei cópias para toda a minha equipe de treinamento e alguns de meus familiares e parentes... um livro sobre as verdades simples da vida... fácil de entender... tão aplicável a mudanças no lar quanto a mudanças no trabalho. *Kathy Cleveland Bull, diretora de treinamento & desenvolvimento, Ohio State University*⁸.

Uma tipologia sugerida para *Quem mexeu no meu queijo*, enquanto unidade de sentido em que são privilegiados determinados elementos narrativos e discursivos, incide, pois, sobre os seguintes componentes semióticos: nos percursos do destinador-manipulador, destinatário-sujeito e destinador-julgador; na competência, performance e sanção; na natureza modal do objeto de valor (encarar a mudança); no enunciador e enunciatário implícitos; e no emprego recorrente da figurativização.

O livro de Ribeiro (2000), *A semente da vitória*, é organizado de acordo com o percurso do *destinador-manipulador* a projeção do autor que doa competência ao leitor enunciatário, por isso, o discurso enfatiza a fase da *competência*. Por meio dela, o destinador-manipulador relata seu saber-ser vitorioso, de acordo com a narrativa de sua *performance* saudosista da juventude, por meio da sua autobiografia e da

⁸ Ibid., p. 104.

narração da sua vida simples, em São José do Rio Pardo. Lá, aprendeu com o simples Pedro Pexexa as perícias atléticas e a filosofia de vida (saber e poder trabalhar corpo e mente), o que permitiu desenvolver um método próprio. O seu método, portanto, serve como um *objeto modal*, doado ao seu enunciatário, como o meio de realizar o PN de base: a busca do bem-estar físico-mental.

Depois da parte narrativa (autobiográfica), dá início a um modo de organização dissertativo, em que elenca vários sub-tópicos, que equivalem a conceitos de seu Método, como “o cérebro burro”, “vencer ou perder está em suas mãos”, “corpo frágil não sustenta espírito forte”, entre outros. A organização do texto também preza pelo relato da vida de personalidades – nesse caso, observa-se uma recorrência, em todos os textos, do recurso “exemplo de vida” – geralmente do esporte, que se “curaram” a partir do Método Nuno Cobra. Lança mão de conselhos, de forma geral, sem o uso do modo imperativo. Vale-se de unidades sintagmáticas, como “Aconselho as pessoas” (RIBEIRO, 2000, p. 166), “Quando atingimos esse ponto” (p. 168) com um “nós” inclusivo a fim de parecer mais polido.

De forma geral, o enunciador revela o domínio de pontos de vista diversos, na medida em que o texto também tem um modo de organização heterogêneo: é narrativa, quando relata a sua vida de jovem e quando apresenta os depoimentos de experiência de vida; e é texto dissertativo quando dá dicas de bem-viver. O seu *êthos*, portanto, é o de um conhecedor de educação física (tênis, natação), medicina, nutrição. É um motivador de atletas e pessoas comuns, particularmente as que não entendem como se dá a relação corpo-mente. Por isso, o texto *ênfatiza tanto a construção temática* quando expõe seus conceitos *quanto figurativa* quando exemplifica os conceitos por meio do seu fazer autobiográfico e por meio dos relatos de personalidades: atletas e profissionais de outras áreas.

No nível da sintaxe discursiva, observa-se que o *enunciador e o enunciatário estão explícitos*, uma vez que o primeiro é projetado, em primeira pessoa, e se afirma como um “eu” que dialoga diretamente com o seu enunciatário leitor:

Acredito que se você próprio se transforma fica mais fácil transformar as outras pessoas afinal, já se sabe o caminho e pode-se enxergar com clareza o futuro final. Quando você muda, você mesmo sempre saberá da importância do primeiro passo e da importância das pessoas que o estimulam e o empurram para cima. (RIBEIRO, 2000, p. 22)

Esse texto revela, pois, a intenção de programar o enunciatário leitor, enquanto sujeito-operador, a obter a receita do “Método Nuno Cobra” a partir de seus recursos interiores de saber e poder-ser saudável. Enquanto narrador das suas próprias reminiscências da juventude, Nuno Cobra, projetado no discurso, cumpre o papel

de destinador de competências necessárias para que seu destinatário saiba cuidar do corpo e da mente por meio da vida saudável. Valores como esforço, dedicação, vontade, boa auto-estima, são o meio de desenvolver o programa narrativo de uso (trabalhar, exercitar corpo e mente, comer e dormir bem, etc.) para obter a receita do bem-viver, da boa saúde. O seu método é resumido assim:

A essência do Método Nuno Cobra é fazer com que a pessoa se descubra para a vida. Programo o que deve ser feito a seguir para iniciar o desenvolvimento corpo-mente-espírito-emoção, de acordo com que cada um necessita. A força, a alavanca para a transformação, está em cada um de nós. (RIBEIRO, 2000, p. 26)

Vai construindo, em suma, a imagem de um leitor carente de motivação. A repetição do mesmo discurso, ou de unidades sintagmáticas de motivação semelhantes umas às outras “[...] chegar ao cérebro pelo músculo e ao espírito pelo corpo”⁹ revela um *éthos* preocupado com uma imagem de leitor, que, além de carente, é desatento. A constante atenção dedicada ao seu enunciatário leitor indica que este, a todo momento, necessita de afirmação (mensagens positivas) e dos relatos, baseados na realidade, de personalidades famosas ou não que se valeram do “Método Nuno Cobra”. Em síntese, o uso dos “exemplos de vida” dá materialidade ao seu discurso, na medida em que vincula o conteúdo aos fatos do mundo real.

Os componentes incidentes do texto de Ribeiro (2000) são, portanto: o percurso do destinador-manipulador; as fase da competência; a busca por objetos modais (bem-estar físico-mental, saúde em geral); o enunciador e enunciatário explícitos; e a predominância tanto de unidade temáticas quanto figurativas (um texto tão narrativo quanto dissertativo, portanto).

A obra de Dalai-Lama e Howard Cutler, *A arte da felicidade*, organiza-se textualmente como um livro manipulador, que instaura no enunciatário leitor um poder e saber-fazer, por meio da *competência* (poder e saber-fazer), por isso valoriza o percurso do *destinador-manipulador*. Howard Cutler, projetado no discurso, tem a função de dotar o enunciatário de um *valor modal*, a felicidade. A busca por esse valor é configurada como o PN de base, a partir da performance que o seu enunciatário (leitor) tem de realizar – os meios possíveis, os PNs de uso – a fim de estar competente para saber ser feliz, de acordo com os ensinamentos de Dalai-Lama. O doutor Cutler, enquanto enunciador do discurso, revela seu método:

⁹ Ibid., p. 21.

Determinei-me a identificar os princípios que lhe permitia conseguir isso. [...] comecei a me perguntar se seria possível isolar um conjunto das suas crenças ou práticas que pudesse ser utilizado por não-budistas também práticas que pudessem ter aplicação direta à nossa vida, para simplesmente nos ajudar a ser mais felizes, mais fortes, talvez a ter menos medo. (DALAI-LAMA; CUTLER, 2002, p. 4)

De acordo com as cinco partes, indicadas nos capítulos (“O propósito da vida”, “O calor humano e a compaixão”, “A transformação do sentimento”, “A superação de obstáculos”, “Reflexões finais sobre como levar uma vida espiritual”), o enunciário é programado a realizar a receita da felicidade, enquanto sujeito-operador, e se tornar competente para saber e poder-ser feliz. Em virtude das características de um texto programador, em que o *enunciador está explícito*, é colocada em destaque a fase da manipulação, por meio do querer e do dever-fazer, destinados a persuadir o *enunciário, também explícito*.

O enunciador opta pela debreagem enunciativa (discurso em primeira pessoa) e se comunica com o leitor, que está explicitado nos verbos e nos pronomes com função inclusiva: “Por meio de uma certa disciplina interior, *podemos* sofrer uma transformação da nossa atitude, de todo o *nosso* modo de encarar e abordar a vida”¹⁰. Logo no início, após a contra-capá, já ocorre uma intenção de seduzir o leitor: “Dedicado ao leitor: Que *você* encontre a felicidade”¹¹. De forma geral, inclui o leitor enunciário, a fim de lhe explicar, de boa vontade, os ensinamentos de Dalai-Lama, adaptando os preceitos do budismo ao Ocidente, tornando-os familiares ao cidadão ocidental.

Segundo a semântica discursiva, pode ser considerado um texto cujo *investimento temático e figurativo são equivalentes*, na medida em que valoriza tanto a composição dos temas, ao descrever os conceitos da área psiquiátrica e da religião budista, quanto a das figuras, ao citar exemplos de casos de pessoas reais, que mostram, por meio de ações, as suas dificuldades e superações. Dessa forma, articula o discurso religioso ao científico, a fim de abordar o mesmo tema, a felicidade, a partir dos pontos de vista da medicina e da religião, de acordo com suas explicações e com relatos do próprio Dalai-Lama. Este, partindo do discurso da união do corpo com a alma, programa o seu enunciário a fazer funcionar, em conjunto, o intelecto, o coração (metafórico) e a mente:

Quando falo em ‘treinar a mente’ neste contexto, não estou me referindo à ‘mente’ apenas como a capacidade cognitiva da pessoa ou o seu intelecto. Estou, sim, usando

¹⁰ Ibid., p. 15, grifos nossos.

¹¹ Ibid., p. 15, grifo nosso.

o termo no sentido da palavra *Sem*, em tibetano, que tem um significado muito mais amplo, mais próximo de “psique” ou “espírito”; um significado que inclui o intelecto e o sentimento, o coração e a mente. Por meio de uma certa disciplina interior, podemos sofrer uma transformação da nossa atitude, de todo o nosso modo de encarar e abordar a vida. (DALAI-LAMA; CUTLER, 2002, p. 15, grifos do autor)

De forma geral, ocorre a reiteração do tema do discurso amigável, em que não aparece um jogo discursivo que desafia o leitor, mas apenas um pedido, por vezes, quase em tom apelativo, para que o enunciatário invista em si e no discurso de autoajuda que lê a fim de ganhar uma recompensa, a felicidade. Assim, Dalai-Lama e Cutler, projetados no discurso, constroem o *éthos* de um enunciador que domina um saber e que pretende transmiti-lo de boa vontade, seja porque já experienciaram aquele conhecimento, seja porque sabem que seu enunciatário vai aderir ao seu discurso de autoajuda, pois é um leitor carente, que quer compartilhar experiências, quer ser igual e, portanto, deve “deixar de lado as diferenças”, como é relatado pelo dizer de Dalai-Lama:

Creio ser esta a primeira vez que vejo a maioria de vocês. Mas, para mim, não faz mesmo muita diferença se estou falando com um velho amigo ou com um novo porque sempre acredito que somos iguais: somos todos seres humanos [...] Nossa estrutura física é a mesma; e nossa mente e nossa natureza emocional também são as mesmas. Onde quer que eu conheça pessoas, sempre tenho a sensação de estar me encontrando com outro ser humano, exatamente igual a mim. Creio ser muito mais fácil a comunicação com os outros nesse nível [...] Se conseguirmos deixar de lado as diferenças, creio que poderemos nos comunicar, trocar ideias e compartilhar experiências com facilidade. (DALAI-LAMA; CUTLER, 2002, p. 3)

Enquanto um texto organizado de modo narrativo e dissertativo, possui, de forma geral, um tom didático. Valoriza, assim, o percurso do destinador-manipulador, que persuade seu enunciatário a refletir criticamente sobre os valores ocidentais contemporâneos de pressa, ceticismo e dinheiro. Ao afirmar, pois, os valores orientais de espiritualidade, calma e desapego, estará apto a ser feliz.

Os componentes principais na organização desse texto são: o percurso do destinador-manipulador; a fase da competência; a busca por valores modais (felicidade); a explicitação do enunciador e do enunciatário; e a equivalência de temas e figuras.

Conclusões

Vistos em sua totalidade e organizados de acordo com uma impressão a ser transmitida, um corpo, um *éthos*, os três textos podem ser observados e comparados

estruturalmente de acordo com as variâncias e invariâncias de conteúdo, conforme a incidência ou não de determinados componentes narrativos e discursivos, oferecidos pelo aporte semiótico, bem como examinados de acordo com a maneira de que se valem para persuadir o seu leitor, enunciatário proeminente desses discursos.

No que se refere ao nível narrativo, *Quem mexeu no meu queijo* valorizou os percursos actanciais do destinador-manipulador, destinatário-sujeito e destinador-julgador, enquanto os outros textos examinados destacaram o percurso do destinador-manipulador. Mesmo assim, em todos está focada a importância do destinador-manipulador.

A incidência em determinada fase da narrativa (competência, manipulação, performance e sanção) está relacionada diretamente aos percursos anteriormente citados, responsáveis pela transformação narrativa dos textos. A manipulação, que faz parte do percurso do destinador-manipulador (a projeção do autor), é responsável por instaurar o querer e o dever-fazer no destinatário-sujeito, que representa a entidade a quem o texto é dirigido, o leitor, típico enunciatário dos textos de autoajuda. Como o leitor já está imbuído pelo querer e pelo dever-ler, o texto lhe cede um poder e um saber-fazer. No entanto, na construção desse tipo de argumentação, esses textos não deixam de, a todo momento, no decorrer da sua construção argumentativa, instaurar uma espécie de “vontade de leitura”, em que se reitera o querer e o dever ler o texto, ou seja, repetem a importância que se deve dar à leitura do livro em mãos. Em síntese, como o texto doa uma competência específica (saber e poder-fazer), a fase da competência está marcada em todos os livros analisados.

A respeito dos valores investidos nos objetos doados ao destinatário dos discursos examinados, houve a preferência pela composição de valores modais, geralmente configurados como bem-estar físico-mental, felicidade, flexibilidade no dia-a-dia. Dessa forma, não se buscam imediatamente coisas materiais, como dinheiro, casa, sexo, mas formas de satisfação, voltadas para a subjetividade de cada indivíduo, ou seja, a manipulação de maneiras de ser.

No nível da sintaxe discursiva, foi possível verificar que enunciador e enunciatário estão explícitos em dois dos textos analisados, menos em Johnson (2002), em que é marcada a presença do enunciador apenas no curto prefácio, não se restringindo, portanto, ao todo desse discurso. As maneiras de explicitar as instâncias de enunciador e enunciatário competem para estabelecer uma comunicação simples e direta entre o autor e o leitor discursivos. O recurso da debreagem

enunciativa (na semiótica, a projeção do discurso em primeira pessoa), como observado em Ribeiro (2000) e Dalai-Lama e Cutler (2002), destaca que é necessária a relação de confiança entre enunciador e enunciatário, de acordo com a primazia do discurso em primeira pessoa e da explicitação constante do leitor, por meio dos pronomes (“tu”, “nós”, “você”) e nos verbos no imperativo (“faça”) ou na segunda pessoa do plural (“devemos”, etc.).

O investimento de temas e de figuras procura dar conta, respectivamente: dos elementos linguísticos abstratos presentes nos textos (teorias, conceitos pontuais, noções diversas); e daqueles que descrevem o fazer dos sujeitos, sua ação, a fim de figurativizar conteúdos mais abstratos, por meio de elementos linguísticos concretos (baseados na ação do verbo, na descrição dos adjetivos e nos substantivos concretos), como visto em Johnson (2002). O modo de organização narrativo destaca, portanto, essa relação das figuras no plano do discurso, enquanto o modo de organização dissertativo trabalha com a manifestação predominante dos temas, de acordo com a recorrência de conceitos. Os textos de Dalai-Lama e Cutler (2002) e Ribeiro (2000) destacam tanto o modo narrativo, como o modo dissertativo, assim, pode-se dizer que valorizam tanto os temas como as figuras.

Pensando na totalidade discursiva do *corpus*, sugere-se uma tipologia dos discursos em questão, de acordo com os elementos narrativos e discursivos comuns aos três livros, de acordo com os elementos tipológicos, oferecidos pela semiótica, os quais acentuamos enquanto traços semânticos dos discursos, capazes de compor uma tipologia discursiva para os textos de autoajuda e de misticismo-esoterismo, pretendidos aqui. Nesse caso, os componentes semióticos relativos ao *destinador-manipulador*, à fase da *competência*, ao investimento de *valores modais* nos objetos de valor são os componentes semióticos recorrentes em todos os textos. Por isso, dizemos que há uma invariância desses componentes. Por sua vez, as formas de projeção do enunciador e o investimento temático-figurativo variaram. Em Johnson (2002), o *enunciador e enunciatário estão implícitos* e o seu *investimento figurativo é mais destacado* que o investimento temático.

Os textos examinados têm, portanto, a função de didatizar o seu leitor enunciatário, por isso enfatizam a fase da competência, guiando esse leitor, quase “pela mão”, por meio de um tom didático e pela tentação do seu discurso de autoajuda, do tipo: “se seguir o que digo, obterá o que deseja”. Os conteúdos de autoajuda, esoterismo, misticismo, autobiografia recorrentes recebem, assim, um tratamento temático voltado, de forma geral, às exigências da sociedade contemporânea. Em *Arte da felicidade*, busca-se felicidade em meio à cultura ocidental agitada, em *Quem*

mexeu no meu queijo?, busca-se flexibilidade na área de gestão de negócios e na família, e, em *A semente da vitória*, busca-se saúde corporal e mental.

Em síntese, a tentativa de teorizar a argumentação da autoajuda bem como a dos temas relativos ao misticismo-esoterismo a ela incorporados, como visto em Dalai-Lama e Cutler (2002) por meio de modos de organização de discurso diversos (geralmente tão narrativos quanto dissertativos, tão figurativos quanto temáticos) e de recursos persuasivos diversos (as formas de projeção do enunciador no enunciado), corrobora para a construção de um discurso que opera sob o signo da heterogeneidade. Por isso, esse tipo de composição tende a trazer “manifestações de diferentes pontos de vista ao mesmo tempo”, ou seja, faz conviver diferentes pontos de vista, na construção do mesmo objeto de significação, de acordo com o ponto de vista de um sujeito singular, o enunciador, instituído sob a esfera do fazer persuasivo, que produz seu discurso direcionado ao fazer interpretativo do seu enunciatário, o leitor. A respeito disso, Cortina menciona que:

O texto, enquanto unidade de sentido, é constituído por um discurso que pode oscilar entre uma maior homogeneidade ou uma maior heterogeneidade, na medida em que tenha um domínio hegemônico de um ponto de vista ou a *manifestações de diferentes pontos de vista ao mesmo tempo*. Mesmo nesse segundo caso, haverá sempre um discurso central que organizará os demais, pois todo texto pressupõe um ato de linguagem de um sujeito singular. Por sua vez, a leitura também pressupõe a ação de um sujeito sobre o texto lido, na medida em que ele construirá seu texto interpretativo a partir do confronto de seu conhecimento, dimensão cognitiva, sobre o fazer do outro. (2004, p. 156-157, grifo nosso)

A totalidade de sentido, formada pelos três textos examinados, dá uma noção de como pode ser formado um discurso hegemônico de autoajuda. As maneiras diversificadas de organização discursiva, inerentes a esses textos, sugerem um tipo específico de texto programador como um manual de montagem de peças ou de preparo de receitas culinárias, que revela a intenção de o enunciador doar ao seu leitor enunciatário fórmulas prontas de como construir um objeto de desejo, tal como um sujeito “autômato”, definido por Greimas e Courtés (1979, p. 36) como “[...] qualquer sujeito operador [...] que disponha de um conjunto de regras explícitas e de uma ordem que o force a aplicar tais regras (ou a executar instruções) .

Agradecimentos

Agradeço à Fapesp, por financiar a minha pesquisa, e a meu orientador, Arnaldo Cortina, que se mostra sempre interessado e presente.

MERENCIANO, Levi Henrique. Self-help and esoteric literature: a typological suggestion. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 151-177, 2009.

ABSTRACT: *This paper is aimed at applying a linguistics-based discursive study to the level of content of best-selling self-help and esoteric books in Brazil in recent years, with a view to proposing discursive typologies to these texts. In order to do so, we analyzed a corpus with the three best-selling books in the country, between 1991 and 2006, obtained from the sales rankings of Veja magazine, which is widely circulated in Brazil. The analytic procedures of the enunciation field and the discursive and narrative components, according to Greimasian semiotics, help us to understand the structural characteristics of these best-sellers, in keeping with the discursive organization of each text examined.*

KEYWORDS: *Semiotics. Discursive typology. Self-help and esoteric books.*

Referências

BARROS, D. L. P. de. Publicidade e Figurativização. **Alfa**. Revista de Linguística, São Paulo, vol. 48, n. 2, p. 11-34, 2004.

CORTINA, A. **Leitor contemporâneo**: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004. 2006. Tese (Livre-docência)- Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

_____. Semiótica e Leitura: os leitores de Harry Potter. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (Orgs.). **Razões e sensibilidades**: a semiótica em foco. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004. p. 153-189.

DALAI-LAMA; CUTLER, H. **A arte da felicidade** um manual para a vida. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FIORIN, J.L. O *éthos* do enunciatador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (Orgs.). **Razões e sensibilidades**: a semiótica em foco. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004a. p. 117-138.

_____. O *pathos* do enunciatário. **Alfa**. Revista de Linguística, São Paulo, v. 48, n. 2., p. 69-78, 2004b.

_____. **As astúcias da enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Sobre as tipologias dos discursos. **Significação**. Revista brasileira de semiótica, São Paulo, n.8/9, p. 91-98, out. 1990.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. Tradução Haquira Osakabe. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1973.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Cultrix, 1979.

JOHNSON, S. **Quem mexeu no meu queijo?** 36. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L enunciation**: de la subjectivité dans le langage. 2.ed. Paris: Armand Colin, 1980.

MERENCIANO, L. H. As narrativas esotéricas enquanto textos de autoajuda: uma abordagem semiótica. **Cadernos de semiótica aplicada**, [S.l.], vol. 5. n. 1, p. 1-13, agosto de 2007.

OS MAIS VENDIDOS - Veja. São Paulo: Ed. Abril, jan. 1991 a dez. de 2006.

RIBEIRO, N. C. **A semente da vitória**. 24.ed. São Paulo: Senac, 2000.

RÜDIGER, F. **Literatura de autoajuda e individualismo**. Contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

